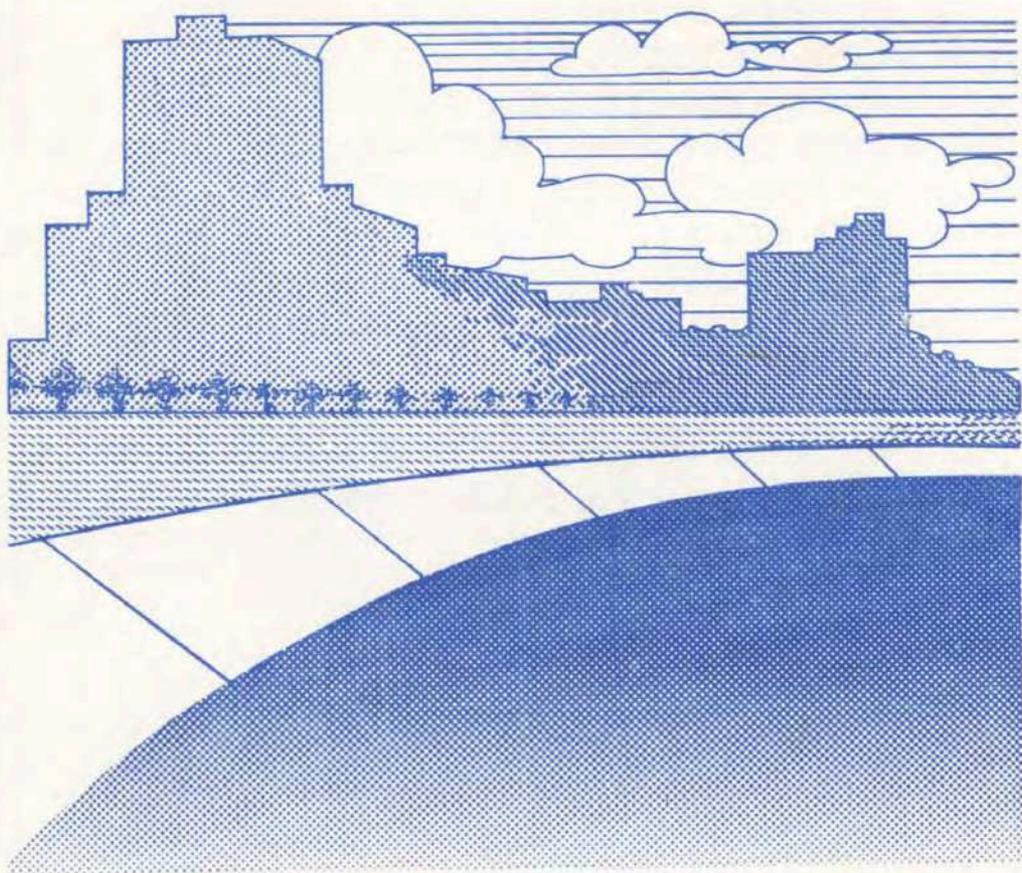


BLUMENAU

em cadernos



TOMO XXVI

Fevereiro de 1985

Nº 2

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

EUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JCALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Fevereiro de 1985

Nº. 2

SUMÁRIO

Página

Registro de um Fato Histórico	30
Os proprietários da linha d'Azambuja	32
Nascem aranhas caranguejeiras no Museu Fritz Müller	35
Como era visto o Vale do Garcia pelo Prof. Rudolf Hollenweger ..	36
Algumas considerações e críticas do Dr. Blumenau sobre questões concernentes a terras devolutas, colonização, imigração e ne- gócios conexos.....	40
Aconteceu	45
A História de Blumenau revela:	48
Schwester Elisabeth visita Blumenau	49
Autores Catarinenses	51
Construtora Stein vai erguer o prédio destinado à Biblioteca e ao Arquivo Histórico	52
Subsídios à Crônica de Blumenau	53

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

REGISTRO DE UM FATO HISTÓRICO

Nestor Seára Heusi

Deve-se a um dos operosos Prefeitos de Blumenau, Snr. Felix Theiss, uma obra de alto alcance cívico-cultural: o Mausoléu da Família do Fundador Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

Saliente-se, porém, que não foram fáceis os trâmites que tiveram de ser seguidos para a consecução desse nobre desiderato. Entretanto, "basta querer para poder". Foi dentro deste princípio que se desenvolveu a ação do ilustre edil blumenauense, cujo prestígio, habilidade e pertinácia levaram de vencida todos os óbices, dentre os quais destacaram-se os de ordem burocrática, que por parte do governo brasileiro, como também do governo alemão.

Mas, eis que, afinal, os restos mortais da Família do Fundador puderam ser trasladados do cemitério da cidade alemã de Braunschweig para o mausoléu adrede construído, em Blumenau.

Cumprira-se, assim, a vontade de Hermann Bruno Otto Blumenau. E o monumento que aí está, na singeleza das suas linhas arquitetônicas, atestará aos contemporâneos e aos pósteros a gratidão dos blumenauenses ao seu fundador.

Por que — hão de se perguntarem os que me lêem — a suscitação, agora, desse importante evento histórico?

É o que vou responder.

No correr de uma conversa, amistosa e informal, que mantive, faz pouco, em Itajaí, com o meu prezado Amigo Dagoberto Blaese, veio à baila, acidentalmente, um assunto que, de pronto, despertou o meu maior interesse: o traslado dos restos mortais da Família do Dr. Blumenau.

Diga-se de passagem — o Snr. Dagoberto, nascido há 63 anos no então distrito de Indaial, é blumenauense. E a ele estou ligado por laços que me são muito caros, de vez que é ele filho de um professor meu por quem nutri uma grande estima, Snr. Adolfo Blaese, cuja memória, malgrado os muitos anos transcorridos, ainda está bem viva no meu respeito e na minha saudade.

Transpostos os vários e não poucos obstáculos, graças à valiosa colaboração de muitas pessoas de boa vontade, em cujo rol se destacam autoridades brasileiras e alemãs, — existia ainda, pendente de solução um problema que bastante preocupava o Prefeito, Snr. Felix Theiss, e que representava a tarefa final da longa e penosa caminhada. E sabem qual era esse preocupante problema? o desembaraço e o frete das respectivas urnas.

Por uma dessas felizes inspirações que às vezes ocorrem, o jovem alcaide blumenauense lembrou-se de apelar para o seu caro Amigo Dagoberto Blaese.

Cabe aqui um esclarecimento.

O nosso Amigo Dagoberto Blaese era então funcionário da ex-Companhia Malburg, que tinha sede em Itajaí e que era agente do

Loide Real Holandês, cujos navios faziam linha regular entre a Europa e o Brasil. E falando fluentemente o alemão, o Snr. Blaese exercia, concomitantemente, as funções de "public relations" junto aos comandantes e diretores da referida empresa de navegação. Durante o demorado período em que manteve contato com ditas personalidades, não foi difícil ao Snr. Blaese, simpático e educado, conquistar-lhes a confiança e a amizade.

Destarde, o Snr. Dagoberto Blaese, lavrando um tento de alto significado e grande importância, conseguiu que as urnas contendo os restos mortais da Família do Fundador, desembaraçadas e isentas de frete, fossem, como foram, embarcadas no navio "Greveland" daquela poderosa empresa holandesa.

Cessaram assim as preocupações do jovem Prefeito blumenauense e todas as "demarches" se coroaram de pleno êxito.

E por um elementar dever de reconhecimento, o Snr. Dagoberto Blaese recebeu do então Prefeito, Snr. Felix Theiss, honrosa carta, datada de 27 de setembro de 1974, sob nº. 1.212.

Instado por mim, aquiesceu o Snr. Blaese em ceder-me aquela histórica carta, que há dez anos jazia engavetada no seu arquivo particular, com autorização para usá-la como eu bem entendesse.

É claro que ela estava a merecer, como mereceu, um só destino, digno da sua importância: a publicação, na íntegra, nesse vitorioso mensário "Blumenau em Cadernos", que acolhe em suas páginas, com muito carinho, tudo que se relaciona com a História da Comunidade Blumenauense.

Segue-se, pois, o inteiro teor desse valioso documento:

"Ilmo. Snr. Dagoberto Blaese.

Itajaí.

Prezado Senhor:

Após termos levado a efeito o traslado dos restos mortais da família Blumenau, para cujo sucesso muito contribuiu a sua valiosa e efetiva colaboração, não poderíamos deixar de externar nosso profundo agradecimento pela dedicação com que V. S. tratou do assunto.

Para demonstrar nosso reconhecimento estamos anexando uma pequena lembrança, fruto do trabalho de artífices blumenauenses, ainda descendentes dos pioneiros germânicos que, de seus antepassados, têm, profundamente arraigado, o espírito de disciplina e de luta. Essa lembrança, de modo algum, poderá se comparar ao esforço desenvolvido por V. S. para que toda a problemática do traslado transcorresse sem maiores complicações, representando, no entanto, a nossa profunda gratidão.

Na oportunidade, reiteramos protestos da mais elevada estima e distinta consideração, subscrevendo-nos,

atenciosamente

(a) FELIX THEISS — Prefeito Municipal.

Parabéns, meu caríssimo Amigo, Snr. DAGOBERTO BLAESE!

O CUSTO DO PRIMITIVO CEMITÉRIO DE BLUMENAU

Carta do Dr. Blumenau para o Revmo. Pe. Alberto Gattone, Vigário da Freguesia de São Pedro Apóstolo, comunicando que recebeu ordens do Presidente da Província para iniciar os trabalhos no cemitério católico desta povoação.

“Acusando o ofício de V. Revma., tenho a satisfação de lhe participar, que em conformidade dos meus pedidos, recebi ultimamente autorização do Exmo. Sr. Presidente da Província, para proceder também aos necessários trabalhos do cemitério católico nesta povoação a que, em conformidade com a mesma, já indiquei, de que maneira eles devem ser executados, havendo de se principiar com os mesmos depois de amanhã. Calculo a despesa, como já participei à S. Ex. e também ultimamente indiquei à V. Sr^a, num borrão de orçamento, a 70 até 90\$000, devendo-se derrubar com esta quantia toda a superfície do cemitério, ou o mato nela existente, e limpar de cepos, raízes e troncos uma superfície, que baste em circunstâncias ordinárias para 6 a 10 anos. Logo que a obra for bastante avançada, para que neste cemitério se possa enterrar cadáveres, ei de participá-lo à V. S^a.

Deus guarde à V. S^a. — Blumenau, 5 de julho de 1862.
Ilmo. e Revmo. Sr. Alberto Gattone
DD. Vigário de S. Pedro Ap.

O Diretor
Dr. H. Blumenau”.

VALATA AZAMBUJA - XIV

Os proprietários da linha d'Azambuja

Aloisius Carlos Lauth

Tivemos ocasião de conhecer, no artigo anterior, o original do documento “Memória”. Ele é coletânea de vários escritos, em língua italiana, relativo ao desenvolvimento do núcleo de Azambuja, Brusque.

A linha colonial foi dividida em 20 lotes, sorteados a 16 proprietários, conforme relação de 1878. A maior parte deles veio da Itália e, entre eles, estavam as 9 famílias interligadas por laços afetivos e religiosos. Desejavam permanecer unidas, sob o manto de Nossa Senhora de Lourdes. Vendo o número de Capelas devotadas a Nossa Senhora de Lourdes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, saberemos a influência da Virgem sobre esta gente.

Foi com esta intenção que formaram uma sociedade civil para erigir Capela, cujo progresso futuro exigiria, certamente, uma documentação legal, principalmente diante das idéias republicanas de que o Estado pudesse tomar as posses da Igreja Católica. Eis aí as razões do “Memória”. Talvez seja o único documento religioso com tais intenções.

Por uma questão pessoal, no artigo anterior, demos sua autoria a Angelo Bosco que, por anos, administrou a Capela e realizou a contabilidade. Ele é, na verdade, autor de parte do documento. Algumas páginas são de Girolamo Tomasini, também sacristão do lugar; e, outras, permanecem no anonimato. O documento se formou com o passar dos anos, com fatos e com pessoal diferentes. Nós o coletamos. Assim, por exemplo, a última página se encontrava exposta na Sala de Azambuja, propriedade do Museu Arquidiocesano D. Joaquim. A pretensa reforma — não aceita pelos atuais responsáveis — eliminou a Sala, vindo o documento cair em nossas mãos. "Memória" é um troféu atual para comemorar o centenário da primeira ermida, em 1985.

Apresentaremos, agora, a relação dos proprietários dos lotes da Linha D'Azambuja, reparando o sistema de troca para aquilatar-mos melhor esta união entre aquelas famílias.

RELAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE LOTES NA LINHA D'AZAMBUJA - BRUSQUE

Anos 1881 — 1905

Nº. do lote	Proprietários em 1881	Novos proprietários em 1905	Sistema de Troca
1	Gamba Battista	— herdeiros Paulo Benaglio	compra / herança
2	Gustav Krieger	Jacob Knihs	compra
3	Cypriano Giovannini	Jacob Knihs	compra
4	Jacob Knihs	Capela e Hospital	compra
5	Benaglio Paulo	— herdeiros	herança
6	Colzani Angelo	João Batista Rasetti	compra
7	Leopoldo Olinger	João Batista Rasetti	compra
8	Vanolli Antonio	— herdeiros	herança
9	Adolfo E.P. Pacca	Girolamo Tomasini	compra
10	Carlo Franciosi	— herdeiros	herança
11	Antonio Vanolli	João Vanolli	herança
12	Lourenço Tonezer	— herdeiros Francis Leoni	compra / herança
13	Leoni Francesco	herdeiros	herança
14	Bosco Angelo	mesmo	— —
15	Tomasini Girolamo	mesmo	— —
16	Pietro Colzani	Capela e Hospital	doação
17	Nicolau Knihs	mesmo	— —
18	Pedro L. Hoffmann	João Knihs	compra
19	Tonini Giuseppe	Carlos Yeske	compra
20	Rodovani Francesco	mesmo	— —

Alguns pontos importantes podem ser levantados com base nesta relação. Assim, a rotatividade dos proprietários em 24 anos foi de 55%. O que dá uma média anual de 2,3%. Alguns dos novos proprietários, no entanto, já possuíam lote na mesma linha colonial. O índice é reduzido, então, para 25% em igual período. Comparemos estes dados com os da Colônia Itajahy, a cuja colônia a linha pertencia.

Nos 15 primeiros anos da Colônia Itajahy, o crescimento populacional foi de 6,6% anual, enquanto a distribuição e localização de imigrantes nos lotes igualava a margem de 6,6%. Com a vinda da "grande imigração italiana", a partir de 1875, naquela colônia, o crescimento populacional subiu para 46,6% contra uma distribuição de lotes na faixa de 60,8%. Notem esta diferença e seu significado para o uso racional da terra na Colônia Itajahy. Estes dados revelam, descontando a forma como foi elaborado, revelam, ao contrário do que muitos pensam e dizem, que a distribuição de lotes era maior do que o ingresso de famílias de imigrantes. Então, onde poderia estar o furo?

Voltemos a relação de proprietários anterior e concluamos. Ela é exemplo da alta taxa de rotatividade. Havia abuso no sistema de aquisição de lotes por parte de algumas levas em troca de benefícios imediatos. Esta situação gerou o retaliamento da terra em áreas cuja capacidade produtiva estava aquém do abastecimento normal de uma família. Senão, quais os critérios utilizados na demarcação dos lotes na região do Ribeirão do Mafra, Tomás Coelho, Cedro Grande, Porto Franco, Cristalina?... O Engenheiro agrimensor demarcava com base em área visto não saber o índice de produtividade agrícola de uma várzea qualquer. Talvez, coisas como estas nem se pensavam. Na Linha D'Azambuja, os lotes são todos montanhosos e não produzem mais que depois da primeira coivara.

Esgotado o valor da terra, valor imediato como a madeira e as primeiras coivaras para milho, aipim e batata, procurava-se outra terra. Francesco Padovani, meu tataravô, fez assim. Vindo em 1876, requereu 2 lotes coloniais nesta linha. Fez a derrubada de ambos, com o que conseguiu vender os paus para as serrarias das Águas Claras, adquirindo uma novilha, algumas sementes de arroz, comprou ferramentas e remédio contra a febre, comum naquela região. Depois da minha lavoura, vendeu o título de um dos lotes a um recém-chegado. Como a família era grande e o lote pequeno, foi buscar serviço com os Maluche. Muito tempo puxou gado dos campos de Lages para Brusque, Itajaí e Blumenau. Uma oportunidade, limpando o estábulo, foi picado por cobra venenosa e veio a falecer.

Desalmada, a família abandonou o lote, entregando o título na Diretoria de Terras Públicas em troca de serviço e proteção dos Maluche. Todos cresceram trabalhando com aquela gente. Os mais antigos, hoje, narram fatos enaltecidos.

NASCEM ARANHAS CARANGUEJEIRAS NO MUSEU 'FRITZ MÜLLER'

Cerca de 100 aranhas caranguejeiras nasceram em fins de janeiro no Museu de Ecologia "Fritz Müller", localizado na rua Itajaí. São filhotes de uma aranha doada em outubro de 84 pelo Assessor Especial do Meio Ambiente da Prefeitura, Lauro Bacca, que a coletou no Morro Spitzkopf (914 m altitude), em Blumenau. Os filhotes de aranha caranguejeira, com 8 dias de vida, mediam cerca de dois centímetros e meio. Logo que tentarem sair do abrigo a procura de alimento, 75 por cento das aranhas serão soltas na mata; o restante ficará no próprio Museu para observação de crescimento e desenvolvimento. O comprimento máximo atingido por esse tipo de aranha é de 9 centímetros. Essa espécie de animal, quando mantida em viveiro, sobrevive até 25 anos, porém, a maioria delas, espalhadas pelas matas, sobrevive em média de 1 a 2 anos. "O fato das aranhas terem nascido no Museu, significa mais um campo aberto dentro da pesquisa, com possibilidade de observação do desenvolvimento de uma espécie tão comum na região de Blumenau, mas tão temida por todos" — frisou a responsável pelo Museu de Ecologia, bióloga Lúcia Sevegnani.

Incubação, eclosão e desenvolvimento

Segundo a bióloga, logo que a aranha foi colocada no viveiro, iniciou a confecção do ninho; ela escavou o fundo arenoso, fazendo uma cavidade inclinada, que foi revestida com seda produzida pelas glândulas sericígenas do animal. A aranha enclausurou-se naquela cavidade, lá permanecendo, sem alimentar-se ou sugar água, até o término da postura dos ovos, que são reunidos numa bolsa, a qual é transportada pela aranha-mãe a todos os lugares, porém, a maior parte do tempo a fêmea fica no abrigo, somente saindo para alimentar-se. Agora o abrigo é uma pequena caverna, com apenas uma abertura; a parte superior da cavidade continua sendo revestida com seda. A eclosão dos ovos ocorreu em aproximadamente 2 meses e meio, gerando cerca de 100 filhotes, que se alimentam de insetos, baratas, besouros, lagartas, e moscas, podendo excepcionalmente alimentar-se de filhotes de pequenos vertebrados. Segundo a bióloga Lúcia Sevegnani, apesar do aspecto atemorizante, as aranhas caranguejeiras são praticamente inofensivas ao homem. No abdome há cerdas de defesa, urticantes. Estas cerdas tem ganchos que penetram facilmente na pele de um possível predador que ousar molestá-las, irritando-a. No homem estes elos podem causar erupções na pele, porém, não graves. As aranhas caranguejeiras, muito comuns em Blumenau, desempenham um importante papel ecológico, pois se alimentam de insetos, auxiliando no combate das pragas.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

COMO ERA VISTO O VALE DO GARCIA PELO PROF. RUDOLF HOLLENWEGER

Passaremos a narrar em seguida um comentário feito pelo Prof. Rudolf Hollenweger sobre o Vale do Garcia. O Prof. Hollenweger suíço de nascimento; veio para o Brasil em 1908 e se estabeleceu no Garcia Alto onde passou a exercer as funções do magistério. Homem culto, tinha grandes projetos para incentivar a prática da agricultura entre os seus alunos. Em sua Escola fundou o 1.º Clube Agrícola do Município. Sua escola foi tida como modelo. Sua participação na Comunidade do Garcia era bastante ativa; fundou juntamente com Joham Iten, Otto Huber, Paul Scheidemantel, Alfredo Grossweiller e Rudolf Wuensch o Spitzkopclub, que era uma sociedade de Turismo que tinha por objetivo, especialmente a construção de um picadão até o cume do morro do Spitzkopf e de um rancho. Ainda Comissionado pelo governo Municipal, Hollenweger escreveu um manual para as escolas primárias do Município com noções de português, alemão, história do Brasil e do Município etc...

Faleceu em Blumenau no dia 2 de fevereiro de 1949.

Vejamos o artigo publicado no periódico "Mitteilungen" em 1916.

"Quem de vocês que estiveram em Blumenau viu entre o Hotel Holetz e a Prefeitura uma ponte de ferro sobre pedestais? Perto da embocadura do Rio Itajaí foi construída uma ponte sobre o Rio Garcia. De onde vem este pequeno rio que muitas vezes, depois de grandes trovoadas com altas e barrentas águas inunda o Vale? Siga-me em pensamento desde esta ponte em Blumenau até sua fonte.

Através da Rua das Palmeiras segue nosso caminho uma larga estrada e passamos uma ponte de madeira coberta. Numa pequena colina ergue-se a Igreja Evangélica e a casa paroquial com bonita vista sobre a vizinhança. Bem perto encontramos a nova construção do Hospital Evangélico e o Asilo no local onde se encontrava antigamente a Escola do Governo.

Esta, para as condições daqui, bonita estrada nos conduz margeando pastos e plantações de cana de açúcar. As últimas fornecem alimento para as parelhas em Blumenau. As casas mais bonitas encontram-se afastadas da estrada para proteção das nuvens de poeira que levanta com a passagem de cada parelha que passa. A partir do km 4 fica a margem da rua, casa junto a casa, um pequeno povoado. Os telhados são vermelhos um sinal que quase todas as casas são novas. Todas as profissões estão representadas no térreo das casas. Porque um povoado tão perto da cidade?

Repentinamente se ouve uma sirene. Soa losge seu : "huhh.

MAJU	Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.
-------------	--

huhk" pelo Vale e desperta o eco de montanha para montanha.

Chegando na curva da estrada vemos a magnífica localização da Empresa Garcia. Ali vemos uma tecelagem, fiação, tinturaria, fundição (mesmo de sinos) ferraria, oficinas mecânicas, marcenarias, serrarias, olaria e uma fábrica de gelo que é muito importante para os Blumenauenses. Também na Assistência Social do operário foi pensado. Modernos banheiros permitem ao operário lavar-se de sujeira e poeira. A Fábrica trabalha por eletricidade. A força é fornecida pela "Estação do Salto" e algumas seções trabalham também a vapor e à força d'água. Vale mais acima como também na "Muhl-bachtiefe" encontram-se casas de operários.

O Vale do Garcia estreita-se repentinamente. Num eievado barranco a estrada segue bem junto ao Rio. Na margem esquerda está a Escola Garcia I, assim como o cemitério. Agora começa a região acidentada, que é plantada com milho, aipim e mandioca. A mata virgem muitas vezes beira a estrada. As casas dos colonos distam muito uma com as outras e só pequenos pedaços de áreas aráveis são vistas. Sempre mais, nós nos aproximamos do "Spitzkopf" o símbolo do Garcia.

No km 10 encontramos uma grande venda na bifurcação da estrada. Este é o ponto chave de comunicação do Vale do Garcia. O Rio vem agora do oeste onde corre aos pés do "Spitzkopf". O Vale se alargou novamente e é povoado por colonos que se dedicam à criação de gado e a indústria leiteira. A terra não é muito fértil; nem todos os colonos podem plantar milho para seu próprio sustento. Seus produtos vendem na cidade. Se nós seguissemos a estrada em direção do Rio chegaríamos a um beco sem saída (Sackgasse) onde se encontra uma serraria. Mais ou menos no centro desta região também fica uma escola. Nós seguimos agora o caminho à esquerda em direção ao Jordão (Jordan) e chegamos por um caminho mais longo também à reta final. Como numa tela, fica junto a estrada a capela católica para o Garcia Jordão e Gaspar Alto.

Mais alguns passos e atravessamos o Jordão que às vezes como uma torrente furiosa atravessa o Vale e despeja suas águas no Rio Garcia. Entre montanhas altas sobre a estrada sempre seguindo o riacho espumante e brandindo suas águas em alguns lugares cobrem as rochas. A estrada é muitas vezes fendida na montanha. Repentinamente erguem-se de ambos os lados as encostas das montanhas. Uma linda cascata move uma serraria. Agora alarga-se o Vale do Jordão. Encantadora é a visão para um caminhante. Até as altas encostas são habitadas e cultivadas. Para cima nos leva um caminho tortuoso sobre o alto da montanha. Ao caminhante amante da natureza obriga o mesmo ao descanso. Como trabalham ativamente no Vale! Como pacífico pasta nas encostas o gado. Em curvas fechadas a estrada segue através da floresta virgem para baixo. No Vale vemos casas, isto é Nova Rússia.

Hoje ainda encontramos entre os que imigraram traços típicos de sua raça. Sobre uma pequena colina está a escola, infelizmente sem-

pre abandonada. Aqui o Garcia novamente nos ajuda. Ele força suas águas por um Vale rochoso, depois de ter emprestado suas águas a um moinho. Num Vale vizinho no **Silherbach** encontra-se uma mina chamada "Silhermine". Lá estão fazendo pesquisas para saber se vale a pena explorá-la. A vontade alemã de trabalhar e capricho dedica-se muito sacrifício a este trabalho. O nome "Silhermine" leva a conclusões errôneas. Não é pesquisado prata mas sim chumbo e cobre. Se continuarmos a seguir o Garcia chegaremos a picadas que levam para a Serra de Itajai. De vários Vales transversais unem-se rios com o Garcia. Aquela região só era visitada por caçadores, pois havia sempre animais selvagens mas hoje a captura é muito reduzida.
R. Hollnweger."

O VALE DO GARCIA

A CAMINHO DA MINA DO OURO:

"No artigo anterior conhecemos o km 10 no Vale do Garcia. Seguindo este caminho por mais dois km à direção do Jordão chegamos a um desvio para a esquerda. Uma trilha atravessa o Jordão. Por um caminho pedregoso subimos pelo estreito Vale. Junto a nós erguem-se as encostas do morro de Gaspar. Nos arrepiamos pensando numa continuação da jornada olhando a altura. Em curvas fechadas a estrada segue montanha acima e alcança uma íngreme curva em zigue e zague até o pico. A visão sobre a paisagem é restrita, porém bonita.

Chegamos a Gaspar Alto. Férteis plantações de milho nas encostas nos dão uma prova de que a terra aqui é muito boa. O lado esquerdo ao contrário, pelo qual a estrada desce em condições precárias é barrenta e bem menos fértil. Aos poucos alarga-se o nosso vale e desemboca no verdadeiro vale do Gaspar. Este riozinho passa sinuosamente ao lado de terras férteis, aráveis e pastagens. Com fortes trovoadas o Rio sobe depressa de nível, mas também cai depressa. A fonte está localizada em "Braunschweig" km 22.

No km 6 numa bifurcação paramos. Nosso caminho até agora percorrido não podemos continuar. Viramos para a esquerda, atravessando o riozinho (A estrada principal leva através do assim chamado "Braunschweig" para Brusque). À nossa frente ergue-se o íngreme, do nosso lado descendente pico rochoso do "Badens". Somente poucas plantas podem brotar e crescer, segurando-se nesta rocha. Uma trilha leva-nos pela encosta, volteando enormes rochas para cima. As plantações são abundantes apesar que esta montanha não é nada mais que uma ladeira de cascalhos. Granito são as principais pedras. Deixando algumas propriedades que já pertencem a mina de ouro, para trás, seguimos a trilha feita por cavalos e animais de carga, através da floresta virgem novamente para baixo. Na grotta que nos acompanha, o atencioso caminhante nota algumas re-

presas que no entanto já estão novamente cobertas por densa vegetação. Pois quando em fins dos anos de 1870, aqui foi procurado ouro, estas represas constituíam açudes para os encanamentos d'água. A floresta clareia. Nós pisamos uma planície agora e lá nos surpreende uma serraria movida a vapor. (Esta serraria não existe mais). Sim e a mina de ouro? A serraria também traz ouro a seu proprietário, só de maneira diferente. Chegamos ao nosso objetivo.

“Agora vocês gostariam de conhecer um pouco mais sobre esta região? O que aconteceu há quase 100 anos passados, contarei no seguinte texto:

Foi nos anos de 1830 do século passado. Como em outras regiões este lugar também foi vasculhado por pessoas a procura de ouro. Foi um inglês que penetrou até o lugar, onde hoje se encontra a serraria e lá encontrou ouro. Em sua companhia estavam algumas pessoas entendidas no assunto e um negrinho de cerca de 15 anos, um escravo. Seu dono o tinha comprado no Rio de Janeiro num mercado de escravos. Eu menciono isto porque esta pessoa mais tarde entrará em contato conosco novamente. Os “Roten” (peles vermelhas) porém começaram a importunar os garimpeiros que tiveram que recuar até Garuba. Ali por acaso encontraram pedras contendo prata, mas foram obrigados a abandonar esta região. Havia sofrido também a perda de uma vida humana depois de um ataque indígena. Este lugar do encontro da prata não é conhecido até hoje.

Na mina de ouro no entanto, os garimpeiros plantaram macieiras e marmelos para que pudessem encontrar o lugar mais tarde outra vez: Quarenta anos se passaram e então voltou o escravo que foi um fiel servidor do seu dono; até tinha-lhe salvado a vida por duas vezes. Por este motivo foi liberto. Porém ficou na companhia de seu dono até a morte deste.

Na mina de ouro que ele já conhecia construiu um rancho, plantou árvores frutíferas e bananas; tinha alguns porcos e procurava ouro. Por várias vezes trouxe um dedal deste precioso metal para Blumenau, onde logo encontrava compradores.

Provavelmente por informações dos filhos do Inglês um outro filho de Albion (Jünger Albion) tentou a sorte. Os acima mencionados represas e açudes para o encanamento d'água foram construídas; tudo ia as mil maravilhas mas ouro só encontraram muito pouco e não valia a pena. Não tinham encontrado o veio principal.

Quando estes garimpeiros chegaram ao local o escravo retirou-se, abandonando o lugar e nunca mais foi visto. Também o inglês abandonou o lugar e mais tarde foi construída a serraria. As terras desde então já trocaram muitas vezes de dono, mas ao precioso metal amarelo ninguém se dedicou.

Como as montanhas em volta são de origem vulcânica, nos úl-

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

timos tempos alguns norte-americanos pesquisaram os picos destas montanhas. Construíram profundas galerias nas encostas a dentro. Se encontraram alguma coisa nunca foi revelado. Mas enfim o negócio não foi rendoso, pois eles também abandonaram as escavações. Mais pela raridade do que pelo lucro (mas só com permissão do proprietário) muitas vezes a região é visitada por garimpeiros improvisados que em bacias rasas procuram ouro, a maneira mais fácil e primitiva para achar este precioso metal.

R. Wollenweger.”

Algumas considerações e críticas do Dr. Blumenau sobre questões concernentes a terras devolutas, colonização, imigração e negócios conexos

Extraído de documentos do Arquivo Histórico da Fundação
“Casa Dr. Blumenau”

“Diferentes questões relativas a terras devolutas e assuntos conexos, bem que ventilados a mais de 30 anos, contudo até hoje não têm merecido dos altos poderes do Estado aquela atenção séria e a providência severa de que careciam e carecem para o Estado ficar salvo um efetivo tesouro, infelizmente já muito desfalcado pela incúria e a inércia de um e a especulação e a cobiça de outro lado. Proponho-me com estas desprezenciosas e mal ordenadas linhas, de novo chamar para eles a atenção temporariamente e por diferentes causas desviar.

Em geral se acredita e mui repetidamente se tem afirmado no parlamento, em peças oficiais e na imprensa, que o Brasil possuía ainda abundantes terras devolutas, aproveitáveis e disponíveis para a imigração e dado estas questões, ousou dizer e sustentar que se a área das terras devolutas ainda é vastíssima, a das realmente aproveitáveis e disponíveis já é extraordinariamente re-

duzida, havendo ela de diminuir sempre mais com imenso prejuízo para o país, e em breve inteiramente desaparecerão se não se fizer termo com inabalável e incessante, pernicioso e inconsiderada dissipação, e não se adaptar com inexorável consequência e executar um sistema que garanta ao Estado e interesse geral, senão mais desta coisa desejável e necessária pelo menos efetivo e racional aproveitamento das terras, que regule e promova, dificultando e impossibilitando ao mesmo tempo as escandalosas prevaricações, os abusos e as imprudentes especulações de maneira melhor e mais comovente a todos os intrusos do que a atual, a venda e gratuita cessão de terras à colonização sistemática e à imigração espontânea.

Há mais de 20 anos não cessam em muitas províncias as revalidações de concessões de sesmarias e legitimações de posses, tendo constantemente sido prorrogado com gravíssimos prejuí-

zos para os altos interessantes do Estado, com pouco proveito para o próprio verdadeiro laborioso ocupante o lavrador, mas tanto maior para os atrevidos expoliadores dos bens e interesses públicos e especuladores quase imorais são os abusos e escândalos praticados por juizes, comissários e agrimensores, ora ineptos e inerentes, ora prevaricadores e corruptos a indolência e mesmo criminosa convivência de autoridades chamadas para zelar sobre a conservação das terras devolutas, as artimanhas e fraudes para expoliá-las por "fás e nefas". Um rancho de palha e algumas braças de mato derrubado e queimado, frequentemente nem mesmo plantados foi averiguado a morada habitual e cultura efetiva de algumas dezenas de reses, as reses só temporariamente emprestadas e ficou averiguado a criação de gado um (ilegível) ou especulativo que adiantou algumas centenas de milhões, e algumas autoridades, coniventes um pouco caipira matuto que prestou o nome — e mui lampeiramente uma légua de terra, uma e meia duas e mais em três tempos haviam passado de terras devolutas que eram para a propriedade do primeiro. Centenas de léguas quadradas assim ficaram extravaiadas e que talvez, e mais pernicioso por longos anos subtraídos à cultura, jazendo, inaproveitadas e formando um estorvo para o progresso, porque ao dono faz mais conta, nada fazer e esperar pela vantajosa venda, que nelas enterrar capital. Era urgentíssimo e é alto tempo para enérgicamente e de uma vez para sempre pôr um termo improrrogável às

tais legitimações e revalidações tomadas de posses e também as inconsideradas vendas de maiores áreas de terras, de quartos de légua e léguas quadradas, que por nove dias igual nas partes entre dez somente se solicitar para mera especulação, nas possibilidades os pretendentes, em regra, a vigésima parte do dinheiro, indispensável para racionalmente aproveitar nem mesmo esta décima parte restante de tudo menos ainda de nela arriscar seu dinheiro e trabalho.

Não seria excessivamente difícil valizar nessas matérias e seus respectivos serviços, melhoramentos e reformas tão necessárias, quanto conducente ao fim, pelo menos nas partes que mais urgentemente carecem deles, e substituir ao atual e ambos de momentâneos expedientes, ao menos um tal ou qual sistema coerente e congruente em si, e praticável sem quase dificuldades e com média despesa, ainda nas atuais circunstâncias do país, uma dezena de exemplos, talvez menor número de exemplos de sistemas, mas inexorável rigor e punição haviam de por tempo à maior parte dos abusos ora praticados; quanto ao mais, a tarefa exige coerência nos atuais princípios e medidas; energia, afincos, difícil e árduo trabalho, vigilante atenção para coibir abusos, enfim, o paciente e incessante labor da formiga e não é isento de contrariedades e espinhos. — Tendo eu aludido ao atual caos de momentâneos expedientes, sem ideia, diretriz geral, nem de coerência entre si e às vezes contraditório um do outro, cabe-me o dever de exhibir pelo menos uma prova.

No Relatório do Ministério da Agricultura ao Corpo Legislativo, de 1880, página A2, se lê "..... aviso de 21 de março de 1879: recomenda-se ao engenheiro incumbido de medições, retificações na província do Espírito Santo, que reconhecida a existência de posses, cujos ocupantes são unicamente pobres, mas excedendo a área de cada uma de 12.000.00 m², cumpra a circular de 10 de abril de 1858, efetuando-se a medição à custa da Fazenda Nacional. Por outro lado a Diretoria a meu cargo recebeu em Agosto do ano passado a ordem, devidamente executada, para medir lotes de terra para os imigrantes espontâneos que chegarem com 250 m de frente e 505 m de fundos e, portanto a área de 151.250 m, ficando ainda os compradores obrigados a indenizar as custas de medição. Ora, sensata e judiciosamente, a área de um lote de terras a ser ajustada sobre o padrão da cômoda subsistência de uma laboriosa família regular e mesmo grande, com 8 ou 10 filhos ou de uma geração; pretender como é verdade, freqüentemente acontece que uma propriedade seja suficiente para filhos e genros e até para netos e mesmo bisnetos, é tão contrário aos altos interesses gerais, e sobretudo econômicos do Estado, como a conservação do vigor da raça, porque causa e promove o bairrismo, a estagnação e o acanhamento das idéias a abertura dos horizontes e a deterioração da

raça, pelos repetidos casamentos entre os parentes e a falta do cruzamento, estorvendo a mescla dos cidadãos, a ponto de, como qualquer atento observador nato, temos muitos e mui sinceros patriotas **provincianos** mas muito poucos **brasileiros**. Agora, reconhecido que existe um padrão de área de terra, que sem absurdo rigorismo e mesmo variável, segundo a fertilidade do solo e mais circunstancial a encontrem, seja tanto necessário, como suficiente para a cômoda subsistência e de uma laboriosa família regular, de duas uma: — se na província de Santa Catarina, por seu clima e solo na sua produtividade muito menos favorecida do que a do Espírito Santo, foi considerado suficiente, para sustentar uma família, a área de 15 habitantes, de que nela ainda fica obrigada a pagar, não somente o preço, mas ainda o custo da medição, então no uberrimo Vale do Rio Doce é um inqualificável desperdício de propriedade do Estado e uma medida a todo o ponto anti-econômico e mal considerada, conceder-se gratuitamente a um posseiro, que tão pobríssimo é, que nem mesmo pode pagar a despesa de medição, no máximo com 130 f a 150 f, e portanto, muito menos ainda alugar ou pagar braços, uma superfície **s u f i c i e n t e**, segundo a bitola, determinado em Blumenau para oito famílias no mínimo; — e se no uberrimo Vale do Rio Doce é necessário, para a subsistência de uma famí-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

lia a área de 120 hectares, então é flagrante desumanidade, é falta de toda justiça e caridade colocar um pobre imigrado e sua família num lote, apenas de 15 hectares, e fazê-lo ainda em cima, pagar o preço e a medição, tudo na certeza de que nele, em apenas poucos anos, deverá perecer na miséria ou retirar-se?

Este único exemplo e que se poderiam dizer numerosos outros, põem a evidência qual pouco de idéia lógica, coerência e métodos reina nos nossos negócios de colonização; que não temos "sistema" algum e tudo se reduz à séries de expedientes momentâneos, sem conexões e coerência — "du jour le jour"!

Formando eu apostolado do "sistema", contudo estou muito longe de pretender o pedantesco rigorismo, é muito difícil e dispendioso, o que nas atuais circunstâncias gerais e, sobretudo, econômicas do país, será impraticável, mas entendo que, pelo menos, um princípio se poderia e deveria fazer, depois de tantos anos de experiências incongruentes e não raras vezes contraditórias umas das outras.

Além disso, e sobretudo, a isso que um bem deliberado e coerente sistema de concessão ou distribuição ou já mesmo de gratuita cessão de parte das terras públicas, poderosamente havia de contribuir indiretamente, visto ser difficilima e muito dispendiosa a via direta educar e habituar o povo aos costumes da laboriosidade e assiduidade, da pontualidade, boa ordem e economia nos seus negócios particulares e da pacífica e sensata mas ativa cooperação nos negócios

públicos do seu imediato interesse. É verdade, tendo eu desenvolvido tais opiniões perante pessoas de sólida posição social e inteligência, cabem a observação de que irão conhecer suficiente as circunstâncias do país, as dificuldades e complicações da sua pública administração, sobretudo, a indole do povo. Mas eu contesto tudo isto emigrando parte, tendo nos últimos 35 anos, passado por amargas experiências próprias, aprendido e conhecido, senão tudo, pelo menos muita coisa, sustentando que com boa vontade e atividade, com algum zelo e entendimento de causa, se poderia fazer e descer muito ter feito bastante coisa mais, do que a aplicação de cataplasma e expedientes, sempre variados. Ultimamente nos negócios da colonização adaptou-se o retraimento e a abstinência e finalmente a demolição e o anagnamento, em fim a quase completa negação. Como os Estados Unidos e as Colônias Inglesas não carecem de certas medidas para sua imigração e colonização também nós as podemos dispensar sem prejuízos e inconvenientes. Mas a premissa é totalmente errônea e falsa, porque não considera, e leva em linha de conta o complexo das circunstâncias peculiares e concorrentes; e a consequência tirada é ainda mais falsa e há de levar-nos aos mais funestos resultados, porque o pernicioso efeito de "negativo", a demolição e inação não fica suprido e corrigido pelos poderosos "positivos" dos aludidos povos: — a indomável energia, a paciente e metódica atividade, o incessante labor, a bem entendida

e praticada disciplina e boa ordem no serviço, a imediata e severa punição dos delinquentes e no fim, pelo complexo de medidas que, reunidas, formam o que se chama um bom "sistema", idôneo para as peculiares circunstâncias do país e às mesmas aplicado por uma energia e perseverante administração, aprovada nas suas tradições de muitos anos de prática.

Esta política de negação de demolição, abstinência e inação, fundamentada sobre a necessidade de economia, não deixará de já em breve ser reconhecida como um funesto erro e a aparente economia momentânea de se evidenciar como efetivo e considerável argumento de despesa ou então o Brasil é país tão excepcional que possa dispensar o que constitui o objetivo dos máximos desvelos e esparsos dos Ingleses, dos Norte-americanos, dos Argentinos! A imigração estrangeira para nossas colônias, que tanto custaram e pelo menos em parte visivelmente progrediram, está expirando ou já cessou; e como não, quando até se cessou com a medição de pequenos lotes coloniais e construção dos caminhos provisórios pertencentes? Quando o imigrante o mais útil do país, aquele que, trazendo um pequeno pecúlio ao país, aspira a aquisição de uma terra "sua", nem acha disponível tal lote e, para conseguí-lo por força deve perder trimestres e semestres de tempo e boa soma de dinheiro, com requerimentos, informações,

despachos, pareceres de agrimensores, devendo finalmente ainda a vista pagar o preço?! Quem sob tais condições e circunstâncias poderá honestamente animar ou convidar imigrantes para este país?!

Facílmo e aparentemente econômico por certo é desorganizar e arrasar; mas, não acertado, nem será econômico num pomar, infestado por parasitas e más ervatudo, inclusive as varas sãs, que com pouca despesa e algum trabalho ainda podiam dar e teriam dado bom rendimento, em lugar de arrancar os parasitas e extirpar as ervas más. Fácil ainda é fazer parar uma medíocre corrente estabelecida de imigração e desviá-la para outra parte mas difícilmo e muito dispendioso, restabelecê-la e reconduzi-la ao leito antigo, mas destruído.

"A imigração ou emigração, Exmo. Sr., não é uma torneira de água que se pode abrir e fechar "ao libitum", certo de sempre conseguir o resultado desejado; ao contrário, ela tem seus arraigados costumes e leis e ao Brasil só resta conformar-se com eles, ou não conseguirá a desejada imigração" — assim já há 15 anos eu escrevi a um Ministro de Estado, meu superior, e assim ainda hoje é!

E no entretanto, cruzando-se no Brasil os braços, na Confederação Argentina, concorrente nosso nesta arena, que já considero muito mais perigosa e terrível do que a própria Inglaterra e União Norte-Americana, se traba-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

lha com enérgica atividade e bem compreendido método e se acumulam lenta mas incessantemente os elementos de uma terrível tormenta, que mais cedo ou mais tarde mas infalivelmente há de envolver o Brasil, cobrindo-o de sangue e lágrimas, a menos que não queira descer de sua posição de primeiro Estado no Continente Sul Americano e abdicar de sua honra dignidade e mesmo de muitos dos seus interesses materiais os mais vitais. Assim como, nas colônias do Brasil, entre

os colonos italianos, existem numerosos e antigos soldados de todas as armas do exército Italiano, no mesmíssimo modo existem dezenas de milhares dos mesmos na Confederação Argentina e havendo ou fabricando-se dinheiro, nem poucos meses com tais elementos se poderá formar um exército de vinte a trinta mil homens já exercitados.

Rio de Janeiro, 06 de Dezembro de 1881.

**Dr. Hermann Bruno
Otto Blumenau”.**

Aconteceu...

JANEIRO DE 1985

— DIA 2 — Causando prejuizos de cerca de oitocentos mil cruzeiros, registrou-se o desabamento do prédio de alvenaria em que funcionava o Instituto de Pesquisas Tecnológicas da FURB. No local funcionavam diversas divisões da Secção de Unidades Produtivas e, no momento do desabamento cinco pessoas desenvolviam atividades no seu interior. Felizmente todas conseguiram salvar-se a tempo, não se registrando vitimas.

*

— DIA 9 — No gabinete do diretor-presidente da Albany Ind. e Com S/A., na Itoupava Norte, realizou-se importante reunião da Comissão de Construção do prédio destinado à Biblioteca “Dr. Fritz Müller” e Arquivo Histórico “Prof. J. F. da Silva”. Da reunião resultou a determinação da elaboração do projeto estrutural, hidráulico e elétrico, com a confecção final da planilha, para que então seja procedido o orçamento e contratação da construtora que irá iniciar os trabalhos.

*

— DIA 10 — Seis parlamentares da República Federal da Alemanha foram recebidos, no período da manhã, em seu gabinete, pelo prefeito em exercício eng^o. Paulo Oscar Baier. Os parlamentares visitantes estiveram acompanhados pelo sr. Hans Prayon, tendo, mais tarde, visitado algumas indústrias blumenauenses e o Mausoléu Dr. Blumenau.

*

— DIA 14 — Neste dia teve início a grande obra de proteção contra as enchentes que a Tecelagem Kuehnrich contratou com grandes empresas especializadas, visando construir muros altamente re-

sistentes para impedir a penetração das águas quando superiores a certo nível — cerca de 14 metros acima do nível do rio.

*

— DIA 16 — Contando atualmente com cerca de 2.100 alunos e 84 professores, o Colégio Santo Antônio registrou neste dia, a passagem de seus 108 anos de fundação. Foi fundado pelo Padre José Maria Jacobs em 16 de janeiro de 1877 e já em 1879 contava com 60 alunos. O primeiro frei a dirigir o Colégio foi o franciscano Zeno Walbroehl.

*

— DIA 17 — Foi divulgado o documento orçamentário da prefeitura de Blumenau para o corrente ano. É ele estimado em 36 bilhões de cruzeiros. Ao mesmo tempo o executivo é autorizado a abrir créditos suplementares de até Cr\$ 5% sobre a receita orçada para atender a dotações que se revelem insuficientes.

*

— DIA 20 — Em Itajaí, sob os auspícios da Casa da Cultura e Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do Município, tem início um bem elaborado programa cultural que se estendeu até o dia 25, com excelentes atrações.

*

— DIA 22 — Em expressiva solenidade realizada na cidade de Florianópolis, foi feita a entrega ao público da Casa Victor Meirelles, totalmente revitalizada com a participação da Fundação Nacional Pró-Memória, através do Programa Nacional de Museus. A solenidade ocorreu às 17 horas.

*

— DIA 24 — A Comissão Municipal de Defesa Civil e a Prefeitura de Blumenau desencadearam uma ampla campanha de mobilização no município, com o objetivo de angariar donativos para os flagelados das enchentes no Espírito Santo.

*

— DIA 25 — Com a presença de autoridades municipais e grande número de populares, realizou-se a solenidade de abertura do Segundo Festival de Verão de Blumenau, prometendo, pela sua organização e as atrações que oferece, completo êxito de frequência durante os vinte dias de funcionamento.

*

— DIA 25 — Com a presença do prefeito em exercício Paulo Oscar Baier, foi ativada, em caráter experimental, a nova adutora de água da rua Bahia, cujo melhoramento se destina ao abastecimento mais eficiente de todo o bairro da Velha. O chefe do Executivo, na ocasião, manifestou seu otimismo quanto à capacidade de resis-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

tência da nova adutora e os benefícios que trará à população em geral.

*

— DIA 30 — Neste dia, a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Obras e Serviços Urbanos, iniciou mais uma obra viabilizada pelo convênio Prefeitura-Comunidade, com a canalização da Rua México, no bairro Ponta Aguda. Através do convênio, uma espécie de “mutirão”, os moradores doam os materiais necessários e a prefeitura executa a mão de obra.

*

— DIA 30 — A Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau convocou a imprensa para fazer um alerta à população sobre a “nocividade das queimadas”, praticadas com frequência nos campos e morros do município nesta época do verão. Usando de termos como “uma área queimada significa uma ferida esperando pelo milagre da regeneração”, os técnicos da AEMA explicaram os efeitos maléficos de uma queimada e advertiram que os praticantes desta técnica estão sujeitos a multas de até 50% do salário mínimo. Segundo as informações prestadas, as queimadas são verificadas em 90% dos casos em morros nos quais a vegetação é do tipo capoeira rala e baixa, que representa um dos estágios da regeneração da mata secundária. Desse fator, segundo os técnicos da AEMA, resulta o principal prejuízo: do corte ralo até a instalação de uma capoeira são necessários aproximadamente 7 anos; uma vez ateado fogo nessas áreas, anos de esforço da natureza em reconstruir o ecossistema são perdidos. Com isso, o efeito nocivo imediato é a modificação da paisagem, que perde o indispensável verde. A destruição da fauna constitui-se noutro grave prejuízo das queimadas — pois o fogo destrói os abrigos dos animais, suas fontes de alimento, além de eliminar filhotes e abrigar muitos a fugirem de seus habitats.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:

Carta de Julios Scheidemantel ao Governo Prussiano pedindo auxílio como veterano

“Benedito, Margem Direita para Timbó, 30 de Junho de 1916.

Ao Consulado Imperial Alemão em Florianópolis.

Dirijo ao Consulado Imperial o atencioso pedido, para o regresso como súdito à federação prussiana, e ao mesmo tempo pedir um subsídio de amparo aos veteranos. Infelizmente não estou em condições de anexar os comprovantes respectivos ao meu serviço militar, pois estes com muitas mudanças de residência se perderam, razão pela qual deverão dar crédito ao que escrevo e afirmo de boa fé sobre meus anos de Exército.

Eu Julios Otto Scheidemantel, nasci a 29 de junho de 1838 em Löllnitz — Halle Saalgebiet, e estou atualmente com 78 anos. Estive desde 1858 no Regimento de Infantaria N° 20 de Brandenburg, primeiro em Targan depois em Bradenberg e Kassel e estive ainda em junho de 1859 durante meu serviço na ativa com meu regimento na cobertura da fronteira com a França. Em 1862 fui por motivo da constituição do principado de Kurfurst passado para a reserva e a 12 de maio de 1866 no início da guerra com a Áustria integrado no Regimento N° 32 em Erfurt. Na luta não participei, porque o 1° Batalhão repentinamente foi retirado da frente de batalha e somente na remoção do campo de batalha nós atuamos. Um ano depois da guerra em 20 de outubro de 1867

pedi o meu desligamento do Exército e como súdito da federação prussiana de veteranos, junto ao governo de Merssburg, assim também a minha esposa o fez, em agosto, 26 de 1867. E já em fins do mesmo ano, junto com minha esposa Charlotte Herta, nata Koplein, emigrei para Blumenau, Brasil. Primeiramente residimos em dois lugares diferentes, quando desde 01 de dezembro de 1873 em Timbó comecei a residir e onde estive na função de professor da escola do povoado até 1908. A partir desta data comecei uma pequena escola particular e continuava em minha atividade predileta, colecionando borboletas. Com a venda das mesmas aumentar meus poucos rendimentos como professor, e iniciei também uma pequena prática homeopática.

Fazendo agora a solicitação é que eu me vejo forçado na minha precária situação a fazê-lo, esperando que o fundo de auxílio aos veteranos alivie um pouco as minhas condições.

Como esclarecimento da minha atual situação tenho o seguinte a declarar: Eu possuo uma meia colônia na margem direita do Rio Benedito, perto de Timbó. Minha esposa faleceu há 11 anos, minha filha solteira Alwine, 39 anos, cuida da casa. Além dela mais 02 filhos, uma filha de nome Emma, 43 anos que casou com o

colono Tierbach em Ribeirão Branco perto de Blumenau e têm 04 filhos. Tenho mais um filho de nome Bruno, 41 anos que aqui em Timbó tem uma selaria, também é casado e têm 06 filhos. A terra sobre a qual eu moro, pertence desde a morte de minha esposa a meu filho Bruno e filha Alwine; a Senhora Tiebach recebeu sua parte em dinheiro, a mim pertence o usufruto da mesma, mas meu filho Bruno auxilia no trabalho e preparo da terra. Recursos pecuniários não tenho, tenho, minhas economias, as vezes aumentadas com a prática homeopática e venda de insetos, foram gastas com a doença de minha esposa. As arrecadações também tornaram-se fracas, a venda de insetos, a escola particular e a prática homeopática pouco rendem, porque inclusive foi aberta aqui uma farmácia, e longas viagens não posso mais fazer por sofrer de uma hérnia.

Com o avanço da idade sempre me torno mais fraco, já vejo o tempo chegar em que serei um peso para os meus, eles já têm muito que lutar com a própria sobrevivência. Vejo o marido de minha filha Emma que pelos pais aposentados na Alemanha é auxiliado. Meu filho Bruno muitos anos ainda terá que lutar para estabelecer um negócio lucrativo e por fim a minha Alwine, que após minha morte não terá nada mais que a metade da terra da qual ela agora como mais tarde poderá tirar o necessário para sobreviver. Prevendo anos de doença e fraquezas e uma situação completamente dependente, a não ser que como colono velho e pobre receba abrigo junto a meus filhos, peço que levem em consideração este meu pedido e intercedam por mim.

Atenciosamente
Julius Scheidemantel

Schwester Elisabeth visita Blumenau

Alfredo Wilhelm

Em 4 de fevereiro de 1985 — dia, em que no ano de 1880 (pela lei 860) foi criado o Município de Blumenau — esteve em visita à nossa cidade a irmã (“Schwester”) Elisabeth Dettmann. Hospedada em casa duma amiga, sra. Stach, na Rua Guarimir (Bairro Garcia), a ilustre visitante — por ocasião da visita à Prefeitura — foi recebida pelo sr. Vilarino Wolff, DD. Chefe de Gabinete do Prefeito Municipal. Convidada para um

almoço, Schw. Elisabeth narrou impressionantes episódios de sua longa e interessante vida — cheia das mais variadas aventuras e emoções:

“Nascida em Togo, na África Ocidental, veio com seu pai, um pastor-missionário, para a cidade de Agudo no Rio Grande do Sul. Foi lá que ela passou a sua infância, dominando deste tempo então — até hoje — perfeitamente o idioma português. Voltando em 1927 para a Alemanha,

veio a se formar pela Escola Superior de Enfermagem de Goettingen. Em 1938 recebeu o brevê para todas as classes de aviadora de vôo à vela. Durante a 2ª Guerra Mundial serviu na Cruz Vermelha; Chefe dum Trem-Hospital; Diretora de Hospitais Militares na França (onde conheceu o legendário marechal Erwin Rommel) e na Grécia. Em 1944 foi convocada como instrutora de aviadores planadores. — Após a guerra continuava a prestar serviços na Cruz Vermelha — ajudando milhares e milhares de fugitivos e despatriados. — Em 1949 voltou outra vez ao Brasil, trabalhando como enfermeira e assistente de operação em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1959 mudou-se para os Estados Unidos, percorrendo durante 13 anos — como enfermeira particular — todos os Estados do país. Em 1972, outra vez na Alemanha, ela assumiu como Superiora (“Aebtissin”) o “Mosteiro de Marienwerda” em Hannover.”

Antes de iniciar a sua viagem à América do Sul, passando pela Argentina e pelo Uruguay, Schw. Elisabeth recebeu em Hannover a visita do sr. Otto Hermann Lapp — Presidente do Clube Filatélico de Wunstorf e grande amigo de Blumenau. Foi a conselho do sr. Lapp que ela veio a Blumenau, ficando encantada com o estilo enxaimel “sui generis” da nova Prefeitura. Inscrevendo-se no Livro de Ouro do Mausoléu Dr. Blumenau, visitou ainda o Diretor da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, sr. José Gonçalves. A partir de Blumenau a “Irmã” fez várias visitas rápidas a municí-

pios vizinhos — Pomerode, Rio do Sul e outros.

Em 1968 Schw. Elisabeth Dettmann publicou uma coleção de poesias sob título: REFLEXOS DE MINHA VIDA (“Erlebtes in der Spiegelung”). Lindos poemas falando do Brasil, USA e África. Publicamos aqui, pela primeira vez, no original: BLUMENAU (S. Cat.)

BLUMENAU IN SANTA CATARINA

Scharf um die Ecke gleiten
silberne Wellen zu Tal;
hier begannen vor Jahren
die Ahnen einmal
Felder zu roden, zu brennen,
zu säen in neues Land,
einfache Hütten zu zimmern
an Urwalds Rand.

Ob heiss auch die Sonne
und fremde Plage umher:
Einer glaubte an diese Erde
und liebte sie sehr.
“Blumenau” fing die erste
Siedlung hier an.
Was Hitze — was Plage —
Die Arbeit ging allem voran.

Kinder und Enkel sind heute
noch treu wie die Alten.
Haben ihr Land kultiviert,
Sitte und Ordnung gehalten.
Bauten Kirchen, Schulen, Fabriken
und Häuser darauf.
Waren aus Blumenau schätzt man
landein, landuf.

Wie ein Kleinod von grünen
Bergen umrandet,
lieblich in zierliche
Blumengärten gewandet,
breitet die Stadt von den
Besuchern sich aus.
Gepflegt und freundlich
reihet sich Haus an Haus.

Gross ist Blumenaus Anteil
an Fortschritt und Leistung
des Landes. Danket den Ersten,
den Pionieren, den Alten!
Die, durch harte Arbeit dem Leben
die Chance gewannen,
neue Erde zu halten.
Brasilien mit zu gestalten.

Rio, 1956

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Martinho Bugreiro, Criminoso ou Herói? — A propósito

Deste nosso trabalho, calcado todo em exaustiva pesquisa do Prof. José E. Finardi, recebeu este do emérito escritor e médico paulista, Prof. JEFFERSON G. GONZAGA, da Universidade de São Paulo e do A B C, autor de consagradas obras versando sobre Psiquiatria e Hipnose Médica, a carta que a seguir transcrevemos, agradecendo ao ilustre Mestre patricio, as bondosas referências que, de par com o estímulo, nos faz: "Recebi com muita satisfação, o opusculo "Martinho Bugreiro, Criminoso ou Herói?", de autoria do brilhante escritor Enéas Athanázio. É um trabalho de grande pesquisa, boa e agradável exposição didática, tornando-o de muito interesse aos seus leitores e aos bons historiadores. Desejo externar, cordialmente, os meus sinceros cumprimentos, estimulando-o a continuar nessa meta, o que muito beneficiará os iniciados nessa bela matéria. Cumprimento assim, todos os membros desse Clube de ilustres historiadores, altamente conceituados em nosso País. Com um abraço fraternal (as) J. G. Gonzaga."

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil Blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Construtora Stein vai erguer o prédio destinado à Biblioteca e ao Arquivo Histórico

Esteve reunida no dia 26 do corrente mês de fevereiro, em segunda reunião desde que foi constituída, a Comissão de Construção do prédio destinado à Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva".

Da reunião participaram: Henrique Herwig, que presidiu os trabalhos, arquiteto responsável pela elaboração do projeto; Eng^o. Paulo França, representando a Prefeitura e Secretário de Obras e Serviços Urbanos; o sr. Rogério Theiss, representante da Albany e de seu presidente sr. Ross Allan Parkinson; o sr. Ailton Darugna, representante da firma Tabacos Brasileiros Ltda. e o sr. Nestor Seara Heusi, representante do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Durante a reunião, a comissão examinou todos os detalhes do projeto, inclusive no que se refere aos estudos de estrutura já concluídos, assim como o hidráulico e elétrico, examinando também a planilha que especifica todos os materiais necessários à obra.

Também foram examinadas as propostas apresentadas por três construtoras, como resultado da tomada de preços levada a efeito. Depois de acurados exames, a comissão optou pela contratação da mão de obra da fir-

ma Construtora Stein, por reunir melhores condições e preços.

Ficou acertado entre os membros da Comissão o exame posterior de pequenos detalhes técnicos, esperando-se assim que dentro de, no máximo quinze dias, a partir da data daquela reunião, as obras já possam ser iniciadas, ou seja, ainda dentro da primeira quinzena de março.

Por ocasião da reunião, tendo estado presente também o diretor executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves, este comunicou aos presentes que já estava de posse da adesão não só da Albany com o valor de 5.000 ORTNs, como também do BESC, da Tabacos Brasileiros e da Prefeitura, a qual, além de auxiliar com o fornecimento de materiais, como areia, areião, cascalho e brita, contribuirá ainda com certa importância em dinheiro para que a obra seja concluída o mais rápido possível.

O diretor da Fundação comunicou ainda que estaria, nos dias seguintes, visitando as diversas empresas blumenauenses que sempre deram apoio à Fundação "Casa Dr. Blumenau", solicitando apoio destas para que a obra não sofra solução de continuidade por falta de verba, contando certo de que, destas mesmas empresas blumenauenses e outras aqui instaladas, não haverá de faltar este apoio.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

Subsídios à Crônica de Blumenau

Nº. 10

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Ano 25

Sábado, 10 de março de 1906

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais) — Emigração para o Chile.
"Auswanderung" — Emigração.

"Como "Novidades" publica, encontra-se em Blumenau o agente da emigração para Argentina e Chile, Sr. Friedrich Ciela. De acordo com o mesmo jornal, já 60 famílias deixaram o país na companhia deste senhor. Estas famílias estavam localizadas na Colônia Hansa. O jornal "Novidades" pede que o governo tome enérgicas medidas contra este elemento. Já há meses, alguns hanseáticos seguiram para o Chile, iludidos pelas inúmeras promessas feitas, mas estas mesmas pessoas agora estão de regresso, desiludidas porque nada do que prometeram foi cumprido. Pedimos à polícia que observe um pouco as atividades deste senhor."

Nº. 19

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Ano 25

Sábado, 12 de maio de 1906

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais)
"Auswanderung" — Emigração.

Desde quarta-feira, chegam diariamente moradores de Hansa a Blumenau, que pretendem emigrar para o Chile. Como soubemos, nos próximos dias partirão 21 famílias. Não somente colonos recém-vindos, mas também colonos lá estabelecidos já há vários anos e que já se encontravam relativamente bem. Entre os emigrantes encontramos famílias que não têm nem o dinheiro para chegar a Itajaí. Contaram que quando chegaram ao Brasil, trouxeram 15 caixas e malas com roupas, ferramentas e utensílios domésticos, mas foram obrigados a vender aos poucos as caixas para sobreviver. As pessoas recebem viagem grátis ao Chile. Os prospectos distribuídos são deveras convidativos. Como motivo para a emigração os colonos alegam pouco lucro que a Hansa lhes oferece pelos artigos cultivados e falta de perspectiva para uma vida melhor e a não construção da linha férrea até aquela localidade. Também o alto custo dos artigos de que mais precisam, roupas, sapatos, etc. Não podemos, naturalmente, julgar a direção e até que ponto as queixas têm fundamento, mas parece que alguma coisa cheira podre na Hansa.

Ainda tomamos conhecimento que os Srs.: Kurth e Wehmut se retiraram dos serviços da Hansa. — Oh! Orgulhosa Hansa, que fim levaste!"

No "Joinvilenser Zeitung" (Jornal de Joinville), encontramos o seguinte: "Avisamos e prevenimos contra a emigração para o Chile. Dó representante da "Sociedade Hanseática de Colonização" o Sr. Metz, nos foi apresentada uma carta dos colonos O. Müller, P. Spie-

ker e F. Sterk da "Fazenda Trankura" de Pucan, no Chile, datada de 19 de março do corrente ano. Nesta carta os acima mencionados reclamam que deixaram seus empregos seguros na Alemanha, motivados por promessas convidativas a emigrar para o Chile. Lá chegando viram que foram enganados e nada do prometido era cumprido. Para a volta ou mudança, lhes falta o dinheiro necessário e perguntam nesta carta se a "Sociedade" financeira sua vinda e a de suas famílias para a Hansa. Numa anotação à parte, pedem que lhes mandemos a resposta num envelope em branco sem o timbre da "Sociedade", pois a correspondência seria então aberta e destruída". Que isto sirva de alerta a todos que pretendem emigrar para o Chile."

Nº. 22

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 07

Blumenau, Sábado, 28 de maio de 1887

Sob "Protest" (Protesto).

Contra o discurso pronunciado pelo Pastor a. D. Gustav Stutzer em "Seesen" sobre a Colônia Blumenau, protestamos energicamente, já que qualquer elogio deste senhor sobre nossa colônia é muito duvidoso. Uma repreensão do referido senhor, hoje representa o oposto, que primeiro afirmava ser, para nós soaria melhor, do que um elogio duvidoso.

Muitos Blumenauenses.

H. B. No interesse do Senhor Pastor a. D. Stutzer desejamos que dê mais atenção a seus idiotas e se interesse menos por nós blumenauenses, do contrário, nós também sabemos contar até um (1)."

Nº 27

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 05

Blumenau, Sábado, 01 de julho de 1885.

"Lokalnachrichten" (Notícias locais).

Domingo dia 28 de junho, um lindo dia de inverno, foi inaugurado em Gaspar ou como oficialmente é conhecida "Freguezia de S. Pedro Apóstolo" a nova igreja. Um acontecimento que alegrou a todos, pois durante anos, já estavam trabalhando na construção e não foram poucas as dificuldades. Dependiam quase que exclusivamente da ajuda de particulares, já que o governo nada ou então muito pouco, fez para a construção. No que diz ao estilo arquitetônico, não se pode igualar com a de Brusque ou Blumenau mas a nave é bem mais ampla do que as outras.

Já de manhã bem cedo a maioria dos moradores da freguesia se reuniram à margem do rio porque o vapor "Progresso" traria cerca de cem visitantes. Ao chegar, começou a procissão que partiu da igreja velha em direção à nova; chegando lá, foi entregue a chave, ao Padre Matz que abriu a porta da nova igreja. O Padre Matz em seu discurso agradeceu a colaboração de todos e expressou sua alegria pelo término da mesma, concretizando um longo sonho da comunidade.

Blumenau, sábado 2 de julho de 1885

"Um amigo de nosso jornal nos comunicou que o senhor Dr. Hermann Blumenau, vendeu todas suas terras menos a do Salto, ao Pastor a. D. Gustav Stutzer. Nosso informante adianta: Pastor Stutzer é membro da "Sociedade Comercial e Geográfica" da colônia e trará a esta, certamente, grandes benefícios. Pastor Stutzer já deve estar a caminho do Brasil."

Sábado, 15 de junho de 1889.

Comunicação à Comunidade Evangélica de Blumenau.

"Depois de um trabalho de 25 anos na comunidade de Blumenau e Brusque e terminando meu contrato estando pronto para regressar com minha família para a Europa, venho apresentar aqui minha despedida e agradecer publicamente todo carinho e confiança depositada na minha pessoa.

Blumenau, 13 de junho de 1889.

Pastor H. Sandreczki".

Sábado, 15 de junho de 1889.

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais).

"Na segunda-feira, chegaram 35 militares, sob cuja guarda prosseguirão as medições das terras de Van Lede, que os moradores de Ilhota queriam impedir. Tanto quanto se sabe, a chefia desta revolta de moradores é encabeçada por um homem chamado Procópio Beyer, que fugiu embrenhando-se nas matas."

Sábado, 16 de junho de 1906

"Lokalnachrichten" (Notícias Locais)

"Auswanderung" — emigração.

"Grande número de famílias da Hansa está prestes a emigrar para o Chile. A estes cansados do Brasil, recomendamos o seguinte aviso contra uma emigração para o Chile e que encontramos no "Hamburger Echo" (Eco de Hamburgo).

"Há algum tempo tivemos que fazer referência a um certo Sr. Alfredo Tatlock, Zimmerstrasse 3, Hamburgo. Este Senhor angariava colonos alemães para o Chile, mediante panfletos e prospectos convidativos, pregava as vantagens e facilidades de sua colonização. Estávamos certos que alguma coisa não correspondia à verdade e as vantagens pregadas por ele. Aconselhamos mais uma vez o máximo cuidado de uma emigração para este país, sem ter primeiro a certeza da qualidade da terra e vida do Chile. Mesmo assim alguns foram ao tão pregado "Paraiso" como Tatlock costuma chamar o país. De uma família acabamos de receber, agora, uma carta com um verdadeiro rosário de lamentações. "Ah! se nós estivéssemos longe daqui" é o eterno estribilho.

No Chile outra "companhia" já está se formando para trazer milhares de emigrantes alemães. Por falar, previnam e alertem todos

aqueles que querem emigrar para este país.”

Estiveram presentes à festa os senhores Padres: João Fritzen da igreja São Luiz de Brusque e João Batista Fialho de Alferes, o Vigário de Joinville, senhor Bögershausen cancelou no último momento sua visita, lamentando por alguns presentes, que queriam fazer várias reivindicações. Chamou mais atenção a ausência do Vigário de Blumenau. Parece que Padre Jacobs caiu em desgraça junto aos seus colegas de Gaspar e Brusque e sua presença era indesejada.

O redator destas palavras, teve oportunidade de conversar com os Padres Fritzen e Fialho e pode afirmar a seus leitores que são dois amáveis e tolerantes clérigos e foi novamente afeiçoado que os católicos e protestantes, nestas cidades vizinhas, vivem em perfeita harmonia e que isto se deve exclusivamente ao Padre Fritzen lá residente, que no curto espaço de tempo que lá reside (9 meses) já muitos benefícios trouxe à comunidade.

Enviamos congratulações à comunidade de S. Pedro Apóstolo, pelo término feliz da construção que surgiu num mútuo esforço de colaboração e união e trará, temos certeza, bênção e paz e onde semear amor, também colherá amor.”

Nº. 39

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 65

Blumenau, sábado 26 de setembro de 1885

“Lokalnachrichten” (notícias locais).

“De um artigo publicado no “Colonie Zeitung” (Jornal da Colônia) extraímos os seguintes trechos do Padre Jacobs.

As críticas feitas à minha pessoa devo e posso pregar apenas como mentirosas e caluniosas.

1) Não é verdade que, por palavras, atos ou escrita, abertamente ou sigilosamente, ataquei os acatólicos e eu me disponho a pagar 100 mil réis para aquele que possa provar o contrário, que, eu em alguma ocasião, do púlpito empreguei a palavra “herege” ou outra palavra ofensiva contra os protestantes.

2) De uma resposta a carta confidencial dirigida ao senhor G. não tomarei nenhuma posição, para não comprometê-lo mais ainda. Porque a expressão “complô de inimigos” só saiu da boca do senhor em questão.

3) Tenho certeza que todo o ódio de Br. . . . contra minha pessoa e minha posição de vigário, só é proveniente da divulgação da circular do Papa Leo XIII contra os maçons, o que foi feito do púlpito e foi um ato de obediência e desta nenhum Br. . . . me afastará, mesmo que custe minha vida. Consequentemente o pedido feito pelos Br. . . . que mudasse de tática, nunca se realizará, assim como permitir a comunhão sem nenhum preparo religioso e moral.

Nota da Redação: — “Quem estiver disposto a revidar o acima e tem vontade de ganhar 100 mil réis, estamos prontos a ceder espaço no nosso jornal.”

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA